



ARTE EM PARINTINS (AM) E A PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS EM GEOGRAFIA

Estevan Bartoli¹

RESUMO: O presente artigo aborda a experiência de ensino de geografia a partir do Projeto de Extensão na Universidade do estado do Amazonas, envolvendo alunos da escola de artes Irmão Miguel de Pascale em Parintins (AM). Interpretando as cidades na Amazônia como *locus* estratégico para políticas de desenvolvimento e visando contribuir para o diálogo entre o grande número de artistas e a produção recente de materiais didáticos que contemplem as complexidades e demandas no Amazonas, refletimos sobre a proposta pedagógica para séries iniciais do ensino fundamental como base para políticas públicas futuras.

Palavras-chave: arte, geografia, material didático, ciclo hidrológico.

ABSTRACT: The current article addresses the Geography teaching experience from an Extension Project at Amazonas State University, involving students from the art school "Irmão Miguel de Pascale" in Parintins (AM). Interpreting the cities in the Amazon as a strategic locus for development policies and aiming to contribute to the dialogue between the large number of artists and the recent production of teaching materials that envisage the complexities and demands in the Amazon, we reflect on the pedagogical proposal for the first grades of elementary school as a basis for future public policies.

Keywords: art, geography, teaching materials, water cycle.

¹ Professor – Universidade Estadual do Amazonas/UEA

1 - INTRODUÇÃO

Repensar o papel das cidades frente o desenvolvimento regional requer identificar e analisar as múltiplas redes de sujeitos existentes e seus respectivos papéis. A presença do ensino e práticas artísticas existentes em Parintins (AM) requer, pela longa duração em que se manifestam tais atividades, repensar políticas públicas e propostas educacionais que contemplem a ampla produção existente que ultrapassam os circuitos de produção atrelados aos bois-bumbás Caprichoso e Garantido. O presente texto visa abordar os desafios da proposta metodológica empregada na produção do material didático de geografia e artes *Amana e Pindé: A viagem nas águas da pequena Cunhã* (BARTOLI, 2012a), destinado às séries iniciais do ensino fundamental.²

Tais trabalhos visam contribuir para uma interpretação do espaço geográfico amazônico em sua complexidade e que esteja mais próxima da realidade vivida pelas populações locais, onde o caráter regional e a participação dos alunos no processo de criação artística do material produzido abarcam os termos usualmente empregados na região, assim como a abordagem dos problemas vividos em contextualizações condizentes com a realidade socioespacial em voga das populações locais, presentes nas representações e ilustrações no livro.

Fruto do projeto de Extensão³ elaborado na Universidade do estado do Amazonas de Parintins (CESP-UEA), os objetivos foram incitar a vinculação da produção artística local do município de Parintins às reflexões práticas de ensino em geografia, no que tange ao desenvolvimento cognitivo dos alunos envolvidos relacionado às habilidades e competências requeridas no aprendizado de geografia, seja em relação à cartografia, relação sociedade-natureza ou ao ciclo hidrológico (temáticas gerais abordadas no projeto

² O livro lançado em 17/06/2012 se insere nas recentes propostas relativas à produção de materiais didáticos de geografia no estado do Amazonas a reboque de outras publicações como o livro didático *O Amazonas e a Amazônia – geografia, sociedade e meio ambiente* (Bartoli, 2010), que aborda a leitura dos principais aspectos que compõem o espaço geográfico da Amazônia e do Estado do Amazonas. Direcionado aos estudantes do ensino médio, o livro baseia-se em recentes pesquisas, além de apresentar base cartográfica atualizada.

³ Projeto denominado *Geografia e arte: outros rumos possíveis à produção artística em Parintins*, cidade que sedia festival folclórico de porte nacional e com produção artística considerável entre as diversas escolas de artes.

realizado), culminando com a produção do livro. A proposta contempla a urgente necessidade de autonomia na produção de materiais didáticos regionalizados e adaptados às demandas locais.

2 - CIDADE, ARTE E A FORÇA DO LUGAR

Situadas historicamente como nós específicos de extração de produtos e base de exploração regional, a urbanização na Amazônia ascende hoje como temática imprescindível na formulação de estratégias de desenvolvimento regional. Com a consolidação da urbanização amazônica e a “invisibilidade” dos grupos urbanos por políticas públicas, através da análise sobre os Sistemas Locais Territoriais e possibilidades da ação coletiva no papel do Desenvolvimento Local (BARTOLI, 2014), pretendemos repensar modelos que permitem identificar melhor as variáveis que compõem os conceitos de Patrimônio Territorial e capital territorial adotados nas pesquisas em Parintins (AM).

Um das demandas latentes no estado do Amazonas, refere à melhoria dos indicadores relativos à qualidade da educação, dando relevância ao projeto desenvolvido em município do interior, a partir da interação ente Universidade e sociedade local.

O objetivo do projeto iniciado em abril de 2011 foi aproximação entre desenvolvimento dos conteúdos geográficos e a produção artística local, que pela presença e visibilidade nacional do Festival Folclórico de Parintins, o município apresenta significativo contingente de artistas plásticos, que durante o ano migram para outras festas na Amazônia e diversas regiões do Brasil para trabalhos em galpões, a exemplo das escolas de samba do Rio de Janeiro e São Paulo que contam com presença maciça de artistas Parintinenses.

Repensar e criar alternativas para os inúmeros artistas de Parintins parece ser tarefa latente vista sua difícil inserção fora do período do festival folclórico. Para isso contamos com a parceria da Escola de Artes Irmão Miguel de Pascale (vinculada ao boi-bumbá Caprichoso) de Parintins, fundada em 1997 que atende hoje cerca de 560 crianças, com mais de 22 oficinas em

funcionamento, entre as quais: dança, música, pintura, desenho, cartanagem, artesanato, informática, arte em vime, flauta, entre outras.

Com aulas expositivas iniciais de geografia nas salas da Escola de Artes abordando o ciclo hidrológico, os alunos de diversas faixas etárias (obedecendo à estrutura das turmas existentes na escola) iniciaram a produção dos desenhos, recebendo noções sobre a geografia amazônica e transformando-as em ilustrações e croquis relativos ao sítio que se assenta o município. Situado na margem esquerda da calha do rio Amazonas, a área urbana de Parintins se desenvolveu sobre um conjunto de ilhas fluviais que compõem a Ilha Tupinambarana, composta por milhares de ilhas desde a foz do rio Madeira. Entender a formação do sítio urbano por acúmulo de sedimentos foi o ponto de partida para a reflexão das crianças sobre o ciclo hidrológico na Amazônia. Erosão, transporte, deposição, e a irrequieta geografia dos rios de águas barrentas, começaram a se vislumbrar pelo desenho de parte da ilha Tupinambarana.

Portanto, a primeira etapa do projeto consistiu em aulas expositivas relativas à visão geral das características da bacia amazônica aliada à elaboração de esboços e croquis sobre a formação da base física que se assenta Parintins, enfatizando as competências e habilidades requeridas pela geografia, entre elas a interpretação de mapas abordando a bacia hidrográfica amazônica: dimensão, países que a compõe, características de rios, divisores de águas e os tipos de cores de rios, águas subterrâneas e problemas socioambientais. Distinguindo-se das demais ciências humanas pela espacialidade do seu objeto, a geografia faz uso de mapas e cartas que formam a sua linguagem, destinadas a captar arranjos espaciais na superfície terrestre. A dinâmica das exposições eram pautadas através de perguntas aos alunos, no intuito de averiguar os conhecimentos prévios e relacioná-los aos dados desejados.

A segunda etapa ocorreu com a prévia leitura do texto e propostas de desenhos entre os alunos para escolha dos personagens centrais, a cunhã⁴ Amana e a gotinha d'água falante Pindé. Durante a leitura da história de Amana e Pindé, eram revisitados alguns aspectos das aulas expositivas pelos

⁴ Termo indígena e amplamente usado popularmente para designar “menina pequena”.

próprios alunos, que passavam a relacionar os personagens e cenários ao ciclo hidrológico, questionando suas relações e realizando os primeiros esboços de desenhos.

A terceira etapa ocorreu juntamente com o auxílio dos professores de desenho e pintura da escola de artes, onde a leitura da história foi feita pelo autor a partir das cenas a serem desenhadas, divididas em etapas relacionadas ao ciclo hidrológico existente, desde a entrada do ventos Alíseos vindos do Oceano Atlântico, até a formação do regime nival das cabeceiras andinas e seu degelo alimentando as nascentes da vertente oeste da Bacia Amazônica.

A finalização do projeto, revisão e elaboração final das ilustrações foram feitas pela comissão de artes da escola sob coordenação geral da artista Sandra Emília Costa (discente do curso de artes da UFAM – Parintins), como retoques finais e diagramação do livro.

3 - PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES DAS ÁGUAS NA AMAZÔNIA

Nas últimas décadas, a emergência da temática ambiental e preocupações a respeito dos destinos de diversos ecossistemas, recursos naturais e das potencialidades advindas da biodiversidade, deram à Amazônia maior visibilidade no cenário internacional. Com as transformações climáticas e a problemas relativos à água em escala global, a região passa a ser re-significada frente a esse cenário, surgindo possibilidades da formação de novos mercados, como o de carbono e o da vida, este último em plena expansão, baseado em produtos oriundos da biodiversidade (BECKER, 2008). Ocupando 2/5 da América do Sul e 5% da superfície terrestre continental, a bacia hidrográfica amazônica possui área de aproximadamente 6,5 milhões de quilômetros quadrados, abrigando a maior rede hidrográfica do planeta, que escoar cerca de 1/5 do volume de água doce do mundo. Aproveitar essa vantagem sem causar impactos, torna-se missão estratégica do Brasil vista a recente ocupação da floresta estar ocorrendo numa dimensão desastrosa e

irresponsável, e conforme permaneça o ritmo, poderá causar impactos que comprometam o equilíbrio hídrico regional (ANDERSON, A, 2007).

Consiste aí o temário geral do livro e da interação com a produção artística: fornecer subsídios para o aprendizado sobre o meio ambiente com enfoque no ciclo hidrológico e suas múltiplas interações com os outros elementos compositores do bioma amazônico: seres vivos, vegetação, solos/substrato rochoso, sociedades e o clima Equatorial. Em certo momento do diálogo entre a menina Amana e a gota d'água falante Pindé, a cunhã indaga por que a gotinha havia demorado tanto para voltar. Pindé então lhe explica os percursos da água e sua relação com a vegetação. O processo da criação dos desenhos nos auxiliou na construção de elementos que ajudaram no entendimento da distribuição desigual da água doce no planeta, desde as calotas polares à formação de aquíferos.

A interdependência entre vegetação, solo, biodiversidade e ciclo hidrológico ressaltada durante as explanações em sala, resultaram em diversas ilustrações que culminaram com a arte final. Em linguagem condizente com a faixa etária que é destinado, o texto e as ilustrações produzidas enfatizam a interação entre:

- 1) Aspectos gerais da dinâmica atmosférica apresentando a importância da entrada dos ventos oceânicos (ventos Alíseos advindos do Atlântico) para a formação de chuvas na região (MOLION, 1987), onde foi criado nas aulas pelos alunos o elemento lúdico escolhido para tal processo do vento com rosto humano, uma espécie de representação mitológica muito presente em contos e no imaginário popular amazônico, principalmente os encenados durante a apresentação dos bois-bumbás de Parintins (figura 2.a).
- 2) As características hídricas resultantes da dinâmica e natureza dos rios (erosão, transporte e sedimentação) atrelados aos divisores de águas e nascentes que determinam os tipos de rios predominantes na Amazônia, enfatizando que no conjunto de dobramentos recentes da Cordilheira dos Andes ocorre erosão e transporte diferenciados de formações geológicas mais antigas, condicionando a tipologia dos rios regionais (SIOLI, 1985): águas escuras/negras; águas barrentas e águas esverdeadas/claras (figura 2.b.).

- 3) a natureza e meio urbano, relacionados às ações frequentes de diversos atores aparece como o conjunto de objetos, que por participar da reprodução do urbano, mostram-se cada vez mais técnicos e hibridizados. A figura 2.c demonstra que mesmo com a implementação do PROSAMIM (Programa de Saneamento dos igarapés de Manaus), ainda persiste a poluição dos recursos hídricos.
- 4) Ciclo hidrológico atrelado à reprodução dos variados ecossistemas em relação de interdependência entre os elementos compositores do bioma como ressaltamos (figura 2.d).

A conclusão e momentos finais do diálogo da menina Amana com a gota mágica Pindé (principais interlocutores da história), culmina com as reflexões da menina acerca de todos os cenários por ela visitados, onde ludicamente são apresentados os caminhos do ciclo hidrológico. Nas entrelinhas da penúltima cena do livreto, a reflexão expressa a visão sistêmica que permeia o fulcro da história

Como é forte o sentimento de Amana: a água liga todos os seres da Terra pois está sempre em movimento, num ciclo hidrológico. É como o sangue em nosso corpo. Se a água nos une e conecta ao mundo, devemos ser todos irmãos, pois somos compostos de algo comum. A água que esteve em seu sangue agora está no sangue de outra pessoa distante. Essa é a maior prova que todos os homens na Terra são irmãos, pensou o menina (BARTOLI, p.20 2012a).

Assim, elementos marcantes do pensamento geográfico clássico como conectividade, causalidade e extensão, podem ser apreendidos na ludicidade proposta do enredo da história, e pelo fato da gota d'água ter transitado por diversos ambientes (montanhas, cidade e floresta) remete-nos à proposta pedagógica de entender aspectos da dinâmica Amazônica tendo a água como ponto de partida assim como Swyngedouw (2001, p.102) o faz na análise da socionatureza urbana onde “as tensões, os conflitos e forças que junto com a água atravessam o corpo, a cidade, a região e o globo mostram as quebras nas linhas, as tramas na rede, os espaços e platôs da resistência e de poder”.

O produto final (livro Amana e Pindé) foi complementado com um segundo livreto (anexo geográfico) intitulado *A geografia de Amana e Pindé*

(BARTOLI, 2012b) com o objetivo de aprofundar os conhecimentos sobre o ciclo hidrológico através de bases cartográficas, imagens de satélite e atividades de pesquisa para uso em salas de aula como material didático. Seguindo a proposta de diálogo entre ensino de geografia e artes, o anexo contém toadas dos Bois-Bumbás cujo tema é o ciclo hidrológico, já usadas pelos professores da rede municipal consultados durante o trabalho, que, entre muitas, sugeriram a Toada Rei dos Rios do boi-bumbá Garantido.

Notam-se elementos essenciais para o entendimento do ciclo hidrológico amazônico, desde a relação entre divisores de águas (Andes) e o tipo de cores dos rios, barrentos no caso, até fenômenos naturais como repiquete, piracema e pororoca. No caso, o estado do Amazonas não é atingido pela pororoca, que ocorre na foz do rio Amazonas com o Oceano Atlântico. Os termos igarapé, lago, furo e Paraná correspondem à análise geomorfológica dos rios da região, facilmente identificados pelos alunos de comunidades ribeirinhas que convivem com os processos de enchente, cheia, vazante, seca, e são afetados diretamente por tais processos, mas que foram durante as aulas especificados quanto à formação e processo de instabilidade frente ao trabalho incessante de erosão, transporte e deposição dos rios.

RESULTADOS E DISCUSSÕES FINAIS

Ressaltamos a importância do Projeto de Extensão realizado por meio do Departamento de geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) a Escola de Artes Irmão Miguel de Pascale de Parintins, onde corroboramos como o intuito de aliar os saberes acadêmicos às potencialidades locais do município, no caso específico a produção artística.

Com produto final materializado na forma de livro didático, podemos inferir sobre a importância da produção local de materiais adaptados e condizentes com as demandas vigentes no estado do Amazonas. Outro ponto significativo foi a aproximação entre geografia e arte, ampliando vertentes de representações dos diversos espaços socioambientais na Amazônia a partir da

construção artística dos alunos, ressaltando a interação entre ensino e produção das ilustrações, contemplando com as habilidade e competências requeridas pela disciplina escolar.

Ensejamos assim, contribuir para a aplicação de um recurso amplamente arraigado na sociedade parintinense a partir dos festejos dos bumbás, a outras possibilidades aliadas ao processo de ensino/aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, A. BARRETO, P. SALOMÃO R. SOUZA C. Jr. & WILES, J. Pressão Humana no Bioma Amazônia. – Belém, PA: Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia, 2007.– (O Estado da Amazônia) - Disponível em: <http://www.imazon.org.br/publicacoes/>.

BARTOLI, E. Amana e Pindé: a viagem nas águas da pequena cunhã. Rio de Janeiro: MemVamMem, 2012.

_____, E. A geografia de Amana e Pindé. Rio de Janeiro: MemVamMem, 2012.

_____, E. Patrimônio territorial e desenvolvimento Local: sistemas locais urbano-ribeirinhos em Parintins (AM). In: CIETA – Anais do VI Congresso Iberoamericano de Estudios Territoriales y Ambientales. São Paulo, 2014.

BECKER, B.K. Um futuro para a Amazônia. São Paulo: Oficina de textos, 2008.

MOLION, L.C.B. Climatologia Dinâmica da região Amazônica: mecanismos de precipitação. Revista Brasileira de Meteorologia, 2(1): 107 - 117, 1987.

SIOLI, H. Amazônia: Fundamentos da Ecologia da Maior Região de Florestas Tropicais. Ed. Vozes Ltda, 1985.

SWYNGEDOUN, Eric. Acidade como um híbrido: natureza, sociedade e “urbanização-cyborg”. IN: ACSELRAD, H. A duração das cidades: sustentabilidade e riscos nas políticas urbanas. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.